

CONSTRUÇÕES ESTATIVAS COM O VERBO SER EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel¹
Telmo de Maia Pimentel²

RESUMO - No estudo a seguir pretendemos estudar as construções estativas com o verbo ser (CE-Ser). Nosso objetivo é analisar a produtividade dessas construções em artigos de opinião do jornal Folha de São Paulo. Nesse sentido, consideramos que o verbo ser instancia uma série de microconstruções, as quais se distribuem entre aquelas em que *ser* é mais lexical e aquelas em que esse verbo tem papel unicamente procedural. Dentre os usos desse verbo, reconhecemos as implicações de fatores cognitivos e discursivos-pragmáticos como mecanismos motivadores. Para análise dos dados recorreremos aos estudos da Gramática de Construções representados por, Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Tomasello (1998; 2003; 2005), Traugott (2008), Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013).

Palavras-chave: Ensino; Ser; Variação.

ABSTRACT - In this article, we intend to study the stative constructions with the verb to be (CE-Ser). Our objective is to analyze the productivity of these constructions in opinion articles in the newspaper Folha de São Paulo. In this sense, we consider that the verb *ser* instantiates a series of microconstructions, which are distributed between those in which *ser* is more lexical and those in which this verb has a purely procedural role. Among the uses of this verb, we recognize the implications of cognitive and discursive-pragmatic factors as motivating mechanisms. For data analysis, we resorted to studies of Construction Grammar represented by Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Tomasello (1998; 2003; 2005), Traugott (2008), Bybee (2010), Traugott and Trousdale (2013).

KEYWORDS – Teaching; To be; Variation.

1. INTRODUÇÃO

Em um paradigma cognitivo funcional, a concepção de língua adotada nesta pesquisa é a de um sistema adaptativo complexo constituído por regularidades a qual serve aos falantes em experiências de interação social. Nesse sentido, não se trata de usar a língua

apenas para se comunicar, mas para interagir com o mundo, fazendo interferências e sendo alvo das interferências externas e internas ao sistema. Em outras palavras, as línguas são desenhadas pela complexa simbiose entre princípios cognitivos e interacionais que desempenham um papel na mudança

¹ Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel – É graduada em Letras - UFMT (2008), Especialista em Ensino de Língua e Literatura – UFMT (2009), Mestranda em Linguística (PPSLLI/UEG) e Professora da Rede Estadual de Ensino – SEDUC-MT – E-mail: kellycristhel@gmail.com

² Telmo de Maia Pimentel – É graduado em Letras UFMT (1998), Especialista em Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Prática Docente – UNIVAR (2001), Especialista em Docência no Ensino Superior (UNIVAR (2014). Mestre em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO (2010), Professor efetivo da rede pública estadual de educação de MT, bem como, professor do Centro Universitário do Araguaia – UNIVAR. E-mail : telmomaiapimentel@gmail.com

linguística, na aquisição e no uso da língua (FURTADO DA CUNHA; SILVA 2013).

Como explica Neves (2018), o que se pretende com esse modelo de interação, é que o falante organize as expressões linguísticas de acordo com suas intenções e de acordo com as informações pragmáticas do destinatário, a fim de provocar nele alguma mudança. Assim, uma expressão linguística normalmente possui uma informação “velha”, que funciona como ponto de partida da mensagem, e uma informação “nova”, com alto nível de Informatividade.

Desse modo, conforme Dik (1989), a Linguística Funcional deve ocupar-se de dois sistemas de regras: as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas (que governam a constituição das expressões linguísticas) e as regras pragmáticas (que governam os padrões de interação verbal de uso dessas expressões) (NEVES, 2018, p. 41).

Um discurso é sempre situado pragmaticamente. Isso mostra que as relações pragmáticas estão tanto na motivação do falante quanto no propósito sociocomunicativo. É a partir dessas postulações que pretendemos analisar como as Construções Estativas com o verbo *ser* (CE-Ser) pode ser produtiva para a constituição de pontos de vista em artigos de opinião.

Este estudo é de natureza qualitativo-interpretativa, por meio do qual buscamos identificar e descrever construções com o verbo *ser*, observando os aspectos formais e funcionais. Para tanto, valemo-nos de dados coletados do jornal Folha de São Paulo, sendo 5 artigos de opinião do mês de novembro de 2021. Nessa direção, propomo-nos responder a seguinte questão: que fatores cognitivos, discursivos e/ou pragmáticos estão implicados nos usos dessa construção, para defender um ponto de vista, em artigos de opinião?

Nessa linha, filiado ao quadro teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), este artigo discute um tipo de construção de estrutura argumental, a Construção Estativa com o verbo *ser*. Trata-se de um esquema hierarquicamente superordenado instanciado por um conjunto de microconstruções. Grosso modo, tal construção pode ser esquematizada, em sua configuração prototípica, como [(XSUJ) (VCOP) (YPREDICT)].

O artigo está organizado em três seções seguidas a esta introdução: na primeira, são discutidos aspectos referentes ao quadro teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, com foco na Gramática de Construções, posteriormente, apresentamos algumas abordagens sobre o verbo *ser*, na terceira

seção, procedemos à análise propriamente dita do objeto sob enfoque e por último, são tecidos alguns comentários finais a respeito do estudo realizado.

2. ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA LINGUAGEM

Na esteira dos estudos cognitivos funcionais reside o interesse da Gramática de Construções (GC). A noção de construção, pareamento entre forma e função, se ampliou e ganhou ênfase a partir de estudos propostos por Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Tomasello (1998; 2003; 2005), Traugott (2008), Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013). Esses autores compartilham a ideia de que as construções gramaticais devem ser tomadas como unidades primárias da língua. Nessa linha, Croft e Cruze (2004) e Goldberg (2006), assumem a ideia de que a língua é um sistema simbólico de pares entre forma e sentido.

A partir dessas premissas, Traugott (2008) define construção como um “*chunk*” [“pedaço”] de língua automatizado e rotinizado, que é armazenado e ativado pelo usuário de uma língua. Como propõe Goldberg (1995, p. 2), “as construções são essenciais para a descrição do domínio de orações

simples, então deve ser reconhecido que as construções são cruciais para a descrição de uma língua”.

Assumir a perspectiva construcional da linguagem implica no reconhecimento de que a gramática corresponde a uma rede de construções holística, em que nenhum nível é autônomo ou central, mas estão interligados como uma rede. Nas palavras de Lucena (2018),

As construções se estabelecem a partir da frequência com que os falantes as usam, tornando-se uma unidade de processamento. Nesse seguimento, para abarcar determinados usos, os falantes exploram os recursos disponíveis em seu repertório, a fim de consolidar seus objetivos comunicativos.

Isso quer dizer que há regularidades na língua que ultrapassam o que é previsto nas regras gramaticais, de modo que a investigação desses padrões deve ser realizada nos âmbitos da cognição e da comunicação. Nesse sentido, não se pode prever a partir de um dado princípio funcional como será a estrutura linguística; mas uma determinada estrutura, uma vez presente, deve ser presumida como motivada, pelo menos até certo ponto, por fatores funcionais (ASHILD, 2007, p. 15).

Dentro dessa perspectiva, as construções têm significado próprio e

esquemático, independentemente dos verbos ou dos outros itens lexicais que as compõem. Assume-se, assim, que o significado de uma oração não consiste na combinação dos significados das partes da sentença, mas deriva-se também da construção, que, por si só, já é dotada de significado.

2.1 CONSTRUÇÕES ESTATIVAS COM O VERBO *SER* (CE-SER)

Segundo Bagno (2011), três radicais convergiram para compor a conjugação de *ser* no português: *essere* (ser), *sedere* (estar sentado) e *fu-* [de *bheuə*] (existir). Esse verbo deixou de ser usado como verbo pleno desde o século XIV, nas palavras de Silvia e Sabino (2020, p.763) “seu traço semântico de transitoriedade passou a ser um resíduo arcaizante. O verbo assumiu, então, o traço semântico de permanência”. Em alguns casos *ser* ainda carrega seu valor etimológico, no entanto, sua ocorrência como verbo funcional se dá em maior escala.

No decorrer do tempo, esse verbo se expandiu semanticamente e foi impregnando-se de abstração, perdendo conteúdo nocional (dessemantização) e incorporando-se de funções gramaticais. É, portanto, relacional/de ligação por excelência, conforme defende

Travaglia (2013). Contudo, para Vilela e Koch (2001), não se pode afirmar que o verbo *ser* se esvaziou plenamente de sua carga semântica, pois, conforme demonstram usos do português contemporâneo, esse verbo apresenta diferentes significados e funções discursivas – lexicais e/ou gramaticais – em variados contextos de uso.

Travaglia (2004) classifica o verbo de ligação *ser* como “item (verbo) funcional”, pois desempenha um papel nitidamente gramatical, ou seja, de significação interna à língua. Os *verbos de ligação* seriam incluídos nessa categoria por sua função relacional de conectivo. Nesse sentido, Travaglia (2004, p.2) propõe que os verbos de ligação são verbos em processo de gramaticalização,

por expressarem noções semânticas muito gerais e/ou mais abstratas (...), por serem meros ‘carregadores’ ou ‘suportes’ de categorias verbais não expressando uma situação (...), por exercerem funções próprias de outra categoria (a dos conectivos, em que parecem estar se transformando) ao atuarem como um item com uma função relacional entre dois elementos da cadeia linguística.

Dik (1997), de certo modo, também revela essa inclinação categorial ao descrever a categoria “cópula-suporte”, requerida, em algumas línguas e não em outras, para codificar tempo, aspecto e modo na predicação.

Segundo Coelho e Vitral (2010, p. 94), “a função copulativa é um estágio mais inicial da gramaticalização dos verbos plenos em verbos auxiliares e, como tal, carrega ainda algumas nuances do seu valor nocional, embora numa acepção mais abstrata”. Dessa forma, haveria um resquício semântico provindo da categoria verbo predicador que permitiria estabelecer as diferenças de estados encontradas nos verbos copulativos, como estado permanente, temporário, mudança de estado, duração do estado e repetição do estado.

Assim, cabe assinalar que a construção estativa com verbo *ser* (CE-Ser) é vista aqui como sendo hierarquicamente superordenada em relação a um conjunto variado de subesquemas e de microconstruções que ela sanciona. Trata-se de uma construção não especificada, que tem como significado geral a ideia de modo de ser, em um determinado tempo (permanente), prototipicamente relacionada a um sujeito não agentivo (CROFT, 2010). A figura a seguir ilustra parcialmente esse entendimento.

Figura 1. Construção esquemática da CE-Ser



Fonte: Silvia e Sabino (2020, p. 765)

Conforme pode ser visto na figura, os subesquemas que instanciam essa construção vinculam-se, às noções básicas de essência/existência, ou seja, a um estado ou uma propriedade inalienável/permanente do ser (ARRAIS,1984). Essa diversidade de

subesquemas da CE-Ser expõe seu caráter produtivo quanto à frequência *type*, na acepção de Bybee (2010). Segundo Goldberg (1995), Traugott e Trousdale (2013) e Wiedemer e Oliveira, (2019), uma construção matriz de nível superior e mais esquemática, conforme

seu grau de produtividade, sanciona vários subesquemas subordinados, os quais podem, por sua vez, inseminar um leque de microconstruções de nível inferior.

Grosso modo, a CE-Ser pode ser esquematizada, em sua configuração prototípica, como [(XSUJ) (VPREDIC) (YPREDICT)]. XSUJ designa a categoria *sujeito* (inativo/não agentivo), o qual, na construção, é um termo previsto, mas não obrigatório, uma vez que há microconstruções estativas, particularmente com o verbo *ser*, em que esse termo não se realiza, tornando vazio o *slot* a ele reservado. VPREDIC refere-se ao *verbo predicador/relacional*, que pode ser instanciado por *types* verbais distintos sancionados pela construção. YPREDICT corresponde ao termo *predicativo*, que ocupa esse *slot* na construção expressando uma propriedade/característica do Suj, sendo não obrigatório também.

A partir do levantamento dos dados nos artigos de opinião, verificou-se que a CE-Ser é instanciada por um conjunto variado de microconstruções, as quais se distribuem em uma gradiência, que se estende entre aquelas mais lexicais e as mais gramaticais. Desse modo, exhibe um amplo espectro de funções e formas diversas. Para sua categorização, foram considerados o conteúdo semântico e os

padrões formais, com base nas ocorrências dessa construção no material de análise. Para tanto, observaram-se construtos em que o verbo *ser* apresenta as seguintes propriedades/funções: predicador, vicário (verbo “coringa”, que pode substituir outro verbo), suporte (em expressões relativamente fixas), relacional, marcador funcional, modalizador, auxiliar e conectivo.

Embora expresse significados distintos, a maioria dessas microconstruções segue o padrão esquemático [(X) Ser Y], que é a configuração prototípica da CE-Ser. Conforme verificaremos na análise dos dados.

3. METODOLOGIA

O referido estudo é de natureza básica e tem por objetivo analisar a produtividade das construções estativas com o verbo *ser* em artigos de opinião do jornal Folha de São Paulo. Quanto a abordagem metodológica este estudo é de natureza qualitativo-interpretativa. As fontes de informação são primárias, visto que, se baseia em dados coletados pelo próprio pesquisador, por meio de *websites*.

Os dados foram coletados no mês de novembro de 2021. Foram escolhidos 5 artigos de opinião do jornal Folha de São Paulo intitulados: “O que é um padrão de vida digno no Brasil de hoje?”; “Por que precisamos banir

as terapias de reversão sexual”; “Quem matou o Bolsa Família?”; “Um passo contra a maior das injustiças.”; e “Universidade, inclusão e justiça social.” Esse jornal foi escolhido por se tratar de um jornal de grande circulação no país.

As variáveis que analisaremos neste trabalho se encontram na unidade de análise da Gramática de Construções, as CE-Ser. Para chegarmos as construções, fizemos a leitura atenta dos 5 artigos de opinião, pela leitura percebemos a recorrência de construções com o verbo *ser*, nesse caso, separamos as orações em que os verbos se localizavam e contabilizamos as ocorrências, para partimos para a análise. Por se tratar de um *corpus* pequeno, a seleção das construções foi realizada manualmente por meio do programa *Microsoft word 365*.

4 ANÁLISE DOS DADOS: CE-Ser EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Nesta seção, realizaremos a análise dos aspectos funcionais e formais da CE-Ser nos artigos de opinião e sua produtividade para a constituição desse gênero. Nos dados analisados, encontramos 40 usos de CE-Ser nos 5 artigos de opinião. Sendo 21 orações mais gramaticais, ou seja, do *ser* como verbo auxiliar e 19 usos de CE-Ser mais ou menos gramatical, ou seja, como verbo relacional prototípico. Além disso, não encontramos nenhuma ocorrência dessa construção como verbo pleno. Esses dados iniciais indicam que as CE-Ser se tornaram mais produtivas e adquiriam mais dependência sintático-semântica, contribuindo para relacionar, modalizar, construir acontecimentos e argumentar, no caso dos artigos de opinião.

Quadro 1: Microconstruções de CE-Ser no domínio (+-gramática)

Relacional de identificação (+-gramática)	(1) “Identificar os elementos para um padrão de vida digno no Brasil é o mote da investigação...” (Folha de São Paulo)
Relacional modalizador (+-gramática)	(2) “na cidade mais rica do país 20% das crianças têm sua permanência na escola prejudicada ou ameaçada é um dado preocupante.” (Folha de São Paulo)
Relacional de classificação (+-gramática)	(3) “O discurso de ajuda pode soar esperançoso, mas é extremamente violento.” (Folha de São Paulo)
Relacional de identificação referencial/temporal (+-gramática)	(4) “O ponto de inflexão da jurisprudência foi em outubro de 2020” (Folha de São Paulo)

Essas microconstruções com *ser* relacional, embora apresentem poucas diferenças na configuração formal, têm propriedades sintáticas e nuances semânticas bem distintas no Suj e no Predict, que podem ser relacionadas a diferentes pressuposições. Os casos (1), (2), e (3), por exemplo, relacionam-se à pergunta pressuposta Qual/O

que (conceitual) ser X?, o que leva à identificação referencial como informação nova do Predict; Isso revela que as construções são utilizadas para representar um acontecimento no mundo e contribuem para construir o ponto de vista dos autores nos artigos de opinião.

Quadro 2: Microconstruções de CE-Ser no domínio (+ gramática)

Conectivo explicativo/causal (+gramática)	“ É importante ressaltar que a universidade adota, na seleção, o mérito acadêmico.” (Folha de São Paulo)
Auxiliar da passiva (+gramática)	“Nas últimas décadas, a metodologia foi aplicada nos cinco continentes” (Folha de São Paulo)
Conectivo temporal (nesse momento) (+gramatical)	“ É hora de combater os reconhecimentos falhos que levam inocentes à prisão” (Folha de São Paulo)
Conectivo condicional (+gramática)	“Se é verdade que a psicologia no Brasil tem feito esforços para se alinhar a investigações científicas sobre sexualidade e orientação sexual.” (Folha de São Paulo)

Como verificado nesse quadro, as expressões com *ser* que integram essas microconstruções +gramaticais, especialmente as de caráter conectivo, são *types* totalmente especificados, estando mais afastadas de sua natureza estativa/relacional central. Raros são os casos que possuem variações, com o mesmo conteúdo semântico, porém diferenciando-se pragmaticamente em termos de graus de (in)formalidade.

Vale destacar um aspecto importante nas microconstruções +gramaticais que funcionam como marcadores de interlocução, em termos mais específicos, que é seu caráter (inter)subjetivo, no sentido de inscrever a interferência do falante/escrevente no conteúdo informado e/ou de ser orientado para o ouvinte/leitor (TRAUGOTT; DASHER, 2002). Nos casos em que *ser* atua como operador funcional – auxiliar de passiva, por exemplo –, destaca-se sua função mais subjetiva,

marcando a perspectiva imposta pelo locutor sobre a informação, a fim de causar o efeito de sentido que deseja no texto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, delimitou-se como foco de interesse a construção estativa com o verbo ser (CE-Ser), partindo de evidências empíricas de usos desse verbo, em artigos de opinião, nos quais ele apresenta valores gramaticais distintos em contextos diversos.

Nesse sentido, podemos afirmar que o verbo ser, não especifica sozinho a natureza do evento, visto que somente pela análise composicional como um todo é possível compreender o significado das orações, transmitido principalmente pelo(s) constituinte(s) adjacente(s) a que se vincula o referido verbo.

Dessa forma, surgem novos arranjos formais e novos sentidos, somando-se aos mais prototípicos, que já estão mais convencionalizados e são de uso mais comum. Isso comprova que extensões metafóricas e metonímicas são fenômenos concernentes às práticas linguísticas cotidianas e reflexos do que se constrói e se ativa por meio de experiências físicas e socioculturais vivenciadas, contribuindo para a composição

do ponto de vista dos autores nos artigos analisados.

Conforme foi brevemente explicitado, nas ocorrências da CE-Ser co-atuam fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. Daí afirmamos que a gramática é algo relativamente motivado e variável. Há formas tradicionais, recorrentes e, de certa maneira, “previsíveis” em convivência com outras menos convencionais e algumas utilizadas em situações bastante específicas. Isso reforça o pressuposto da LFCU quanto à importância de esses fatores serem contemplados nos estudos linguísticos em geral, buscando um posicionamento mais prático e reflexivo a partir de ancoragem contextual e da língua em uso. Buscou-se, portanto, não considerar somente o aspecto proposicional dos artigos de opinião, mas também a forma como ele se organiza na estrutura oracional e as motivações subjacentes a esse fenômeno.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Telmo C. **Sintaxe-semântica das construções estativas em português**. Alfa, São Paulo, v. 28, p. 71-84, 1984.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.



REI
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar
Barra do Garças – MT, Brasil
Ano: 2022 Volume: 14 Número: 2

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: OUP, 2001.

DIK, Simon C. **The theory of functional Grammar – Part I: The structure of the clause**. Ed. Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

GASPAR, Lisete A. **Traços sintáticos-semânticos dos verbos SER, ESTAR, HAVER E TER no Leal Conselheiro de D. Duarte**. 2011. 211 f. Tese de Doutorado em Letras. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction Grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

PAVÃO, Bruna G.; VIEIRA, Márcia dos Santos M. **Predicações com os verbos relacionais ser e estar**. Diadorim, Rio de Janeiro, v. 14, p. 34-52, dez. 2013.

ROSÁRIO, Ivo. da C.; OLIVEIRA, Mariangela. R. de. **Funcionalismo e abordagem construcional da gramática**. Alfa, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Verbo ser: um verbo essencialmente gramatical**. XII Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, Márcia dos Santos M. **Idiomatidade em construções com verbo suporte do Português**. Soletas, Rio de Janeiro, Dossiê 28, p. 99-125, jul.-dez., 2014.